

OS OPOSTOS NA ABORDAGEM PROJETUAL

Alessandra Pellichero Fújie

Idalina Ana Rodrigues Pinheiro

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo relatar e refletir sobre o percurso investigativo Entre luz e sombra, realizado com crianças de 7 e 8 anos do 2º ano do ensino fundamental I. A proposta surgiu de um acontecimento cotidiano – o reflexo do sol que entrou pela sala de aula – e, inspirada nos princípios da abordagem projetual de Reggio Emilia (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016), transformou-se em experiência significativa, marcada pela curiosidade, pelas hipóteses infantis e pelas múltiplas interpretações coletivas. A metodologia qualitativa adotada fundamentou-se na observação atenta e na escuta ativa (RIERA, 2019), articuladas à documentação pedagógica, compreendida como processo reflexivo de registro, interpretação e metainterpretação (PROENÇA, 2022). Em consonância com Gariboldi (2020), a organização intencional dos espaços e das materialidades foi central para potencializar a exploração. Foram disponibilizados espelhos, tecidos, lanternas, papéis metalizados, CDs e outros recursos, que possibilitaram investigar luz e sombra em múltiplas linguagens: oralidade, fotografia, desenho, movimento e experimentações corporais. Os resultados evidenciaram o protagonismo infantil na formulação de perguntas, na criação de narrativas e na elaboração de teorias provisórias, confirmando o que Hoyuelos (2019) aponta como conhecimento construído em colaboração. Também se observaram avanços na comunicação, na cooperação entre pares e no desenvolvimento da criatividade, ao mesmo tempo que as crianças ampliaram a consciência corporal e simbólica ao perceberem que luz e sombra, presença e ausência, movimento e pausa são dimensões complementares da realidade. Conclui-se que a experiência revelou a potência da abordagem projetual para transformar situações ordinárias em percursos investigativos significativos. Como afirma Guerra (2022), cultivar a atenção ao extraordinário no cotidiano é condição para uma pedagogia que reconhece a criança como sujeito de direitos, portadora das cem linguagens (MALAGUZZI, 2016) e protagonista da própria aprendizagem.

Palavras-chave: Protagonismo Infantil; Percurso Investigativo; Luz e Sombra.

Equilíbrio delicado...

O percurso investigativo teve início com a entrada dos raios de sol pelas janelas da sala do 2º ano do ensino fundamental I. O reflexo da luz nos estojos, que se transformou em diferentes formas luminosas, despertou o interesse das crianças e suscitou múltiplas interpretações: estrelas no céu, aurora boreal, o sol que aquece, ilumina, fornece energia e anuncia um novo dia.

A projeção da luz no ambiente mobilizou a imaginação infantil e favoreceu situações de exploração. As crianças acompanharam os movimentos das luzes pelo teto e, ao observá-las, expressaram curiosidade e encantamento. Essa experiência inicial revelou a potência da luz como elemento de investigação e abriu caminho para a exploração da sombra.

Nesse ponto, evidenciou-se a importância da escuta ativa docente: captar instantes de encantamento para transformá-los em percursos de aprendizagem. Essa observação atenta e sensível carregou o compromisso ético, estético e político de transmutar os contextos da infância em territórios vivos de descobertas.

Equilíbrio provocado...

A experiência vivida provocou a investigação tanto das crianças como dos professores. O olhar, na abordagem projetual, criou infinitas possibilidades de ação, ecoou mais e novos conhecimentos e andanças entre os opostos.

O fazer educativo implica elementos de incerteza e imprevisibilidade que necessitam de um olhar crítico e de uma constante reelaboração, ou seja, precisam ser lidos, analisados e interpretados no curso da experiência para que esta seja reconfigurada e relançada em relação ao seu desempenho efetivo... (GARIBOLDI, 2020, p. 22).

Nesse processo, o olhar apurado do professor para o dia a dia se tornou essencial: foi ele que identificou nuances, pistas e gestos sutis que revelaram os interesses e saberes dos meninos e das meninas, fazendo do ordinário um campo fértil para a aprendizagem. Foi acolher o inesperado do cotidiano. E o que podia surgir do inesperado? O imprevisível, o erro, as dúvidas, as incertezas... Portanto, foi na jornada diária que se deram passos importantes para a identidade de cada um. Nela, encontraram-se as prioridades, as opções e a adequação às necessidades, com abertura e flexibilidade para o inusitado, o que deu movimento ao pensamento projetual.

Mônica Guerra (2022, p. 57-58), ao discorrer sobre o ato de explorar, instiga as seguintes questões: “Quais foram as possibilidades de o professor explorar? E das crianças? Quanto foi importante estar presente?”. Só com essa atitude conseguimos, de fato, ter uma escuta ativa e uma observação assertiva. Afinal, cultivar a atenção foi aquilo que nos tornou seres humanos sensíveis, curiosos, e nos fez estar atentos às coisas que estavam à nossa volta e observar o extraordinário no ordinário. Toda a

experiência nasceu do encontro com as coisas do mundo e com a subjetividade de cada um.

Parte fundamental da abordagem projetual foi registrar na documentação pedagógica, pois foi nela que se deram as escolhas, a interpretação e a metainterpretação da escuta do adulto, que revelou a aprendizagem da criança. Foi um instrumento comunicativo e reflexivo sobre os significados do próprio percurso. Foi preciso “ler” o que aconteceu. Segundo Hoyuelos e Riera (2019), a observação, ferramenta fundamental diária, significa entender melhor para adquirir uma nova percepção do vivido. Foi feita com intencionalidade a reflexão permanente para conseguir apurar o olhar, descobrir os processos e compreender as estratégias das crianças, bem como metainterpretações que estabeleceram relações entre as interpretações e ressignificaram o percurso.

Diante disso, Hoyuelos e Riera afirmam (2019) afirma que o conhecimento se constrói em colaboração com o outro. Assim, o professor foi o ser formulador de problemas, mobilizador de situações, provocador de perguntas germinativas, que favoreceu a possibilidade da imaginação na infância e suas teorias provisórias que revelaram a forma como as crianças pensaram, investigaram e atribuíram sentido às situações vividas.

Antônio Gariboldi (2020) evidencia que essa prática pedagógica exige uma cuidadosa organização dos espaços de aprendizagem e das materialidades presentes em cada ambiente, com o objetivo de estimular a curiosidade, a exploração e as interações, proporcionando aos meninos e às meninas experiências singulares e relevantes, essenciais para a construção do conhecimento, registradas na documentação pedagógica, sob o olhar projetual. Criou-se, então, um lugar de memórias que se transformou em espaço de trocas, conversas e diálogos na comunidade educativa, provocando aprendizagens significativas em crianças e professores.

Diante dessas premissas, foram organizados diferentes contextos de exploração com materiais variados (espelhos, tecidos, lanternas, papéis metalizados, CDs, entre outros), o que promoveu a investigação em múltiplas linguagens: oralidade, fotografia, desenho, movimento e experiências. O percurso ganhou forma com a continuidade das observações, nas quais as crianças identificaram que a sombra podia aumentar ou diminuir, aparecer ou desaparecer, interagir com o corpo e criar narrativas no teatro ou no pega-pega de sombras. Esse processo estimulou a fantasia e favoreceu a construção de histórias, ampliando as possibilidades de vivência e aprendizado.

Os discentes sentiram-se provocados a investigar e descobrir jeitos diferentes de explorar o lado das sombras, ao revelarem lindos instantes em suas fotografias: “Podemos fotografar sombras em muitos lugares que têm sol.” E, no final, com a cultura maker, construíram uma luz artificial: “Tem que juntar os fios para fazer luz”; “A lâmpada apaga e acende. A luz dá energia para a gente”.

A experiência permitiu compreender a relação dialógica entre luz e sombra, que se apresentavam como dimensões complementares da realidade. Nesse contexto, meninos e meninas se sensibilizaram ao perceberem que os contrastes, como claro e escuro, presença e ausência, movimento e pausa, foram constitutivos da vida cotidiana. Reconhecer essa interdependência se revelou fundamental para ampliar o repertório simbólico das crianças e enriquecer seus processos de significação.

Equilíbrio desvelado...

Como resultado desse processo reflexivo, constatou-se o protagonismo na postura investigativa dos meninos e das meninas, na formulação de perguntas, na resolução de problemas e no engajamento do grupo. Também foram observados avanços na comunicação, na cooperação entre pares e no desenvolvimento da criatividade. Ampliou-se a consciência corporal, a exploração das propriedades dos materiais, a descoberta da relação entre luz e sombra e a percepção da luz solar em diferentes superfícies. A documentação, com seus registros e seu processo de ir e vir, constituiu uma forma de planejamento, avaliação, gestão do tempo, organização do espaço, dos materiais e dos grupos. É necessário conectar os instrumentos aos valores e princípios da abordagem projetual, bem como ao objetivo da série/ano e ao tema transversal, garantindo que sejam efetivamente meios de potencializar a aprendizagem e a escuta ativa das crianças. É na documentação que “[...] os fios da memória se entrelaçam e o sujeito autor faz os recortes do real que quer estabelecer, construindo as lembranças do futuro que se está configurando” (PROENÇA, 2022, p. 39).

A intencionalidade do professor e a escuta atenta às crianças constituíram-se como aspectos essenciais para que a documentação cumprisse seu papel de dar visibilidade ao pensamento infantil e orientar práticas pedagógicas que valorizam a cultura da infância. Como uma lupa que ora concentra a luz em um ponto, ora amplia o olhar, a documentação ajudou a focar no instante e, ao mesmo tempo, a perceber detalhes que contribuem para o conhecimento, ao iluminar e revelar informações que ainda estavam obscurecidas.

Nas vivências e experimentações, diante de contextos organizados com estética e materialidades intencionalmente pensadas, constatou-se que as crianças formularam perguntas potentes e desafiadoras, compartilharam teorias provisórias e ideias recorrentes, mergulharam em investigações, questionaram, buscaram alternativas, elaboraram estratégias e encontraram soluções criativas e inovadoras para desafios propostos. Esse movimento as levou a refletir, com confiança e liberdade, em um processo ativo e argumentativo, no qual aprenderam a justificar o próprio pensar, ressignificando o sentido de resolver situações problematizadoras. Dessa forma, possibilitou-se uma pedagogia baseada na escuta, na sensibilidade e na valorização da criança como sujeito de direitos, protagonista do próprio aprendizado. Assim, este percurso investigativo fundamentou-se na concepção de Malaguzzi (2016), ao reconhecer a criança como sujeito potente, portadora de cem linguagens e capaz de transformar a curiosidade em investigação significativa.

Referências

- COLÉGIO EMILIE DE VILLENEUVE. Projeto Educativo 2024 – 2029. São Paulo, 2024.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs.). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.
- GARIBOLDI, Antonio; MASELLI, Marina. Construindo a avaliação em conjunto: a experimentação de uma abordagem participativa para avaliação na região italiana da Emília Romanha. Pro-Posições. Campinas, v. 29, n 2, mai./ago. 2020. <http://scielo.br>. Acesso em 24/09/2025.
- GUERRA, Monica. As mais pequen``l``as coisas: A exploração como experiência educativa. 1. ed. São Paulo: Pedro & João Editores, 2022.
- HOYUELOS, Alfredo; RIERA, María Antonia. Complexidade e relações na educação infantil. São Paulo: Phorte Editora, 2019.
- MARTINI, Daniela; MUSSINI, Ilaria; GILIOLI, Cristina; RUSTICHELLI, Francesca (Orgs.); GARIBOLDI, Antonio (Col.). Educar é a busca de sentido: Aplicação de uma abordagem projetual na experiência educativa de 0-6 anos. São Paulo: Editora Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil, 2020.
- PROENÇA, Maria Alice. O registro e a documentação pedagógica: Entre o real e o ideal... o possível! 1. ed. São Paulo: Panda educação, 2022.

